

VOCÊ JÁ LEU O MEU TRABALHO? INTERROGANDO EXPECTATIVAS E REALIDADES NA RELAÇÃO ENTRE DISCENTES E DOCENTES, NA PÓS- GRADUAÇÃO BRASILEIRA.

HAVE YOU READ MY WORK? INTERROGATING EXPECTATIONS AND REALITIES IN THE RELATIONSHIP BETWEEN STUDENTS AND SUPERVISORS IN BRAZILIAN POSTGRADUATE EDUCATION. 

¿HAS LEÍDO MI TRABAJO? INTERROGANDO EXPECTATIVAS Y REALIDADES EN LA RELACIÓN ENTRE ESTUDIANTES Y DOCENTES DE POSGRADO EN BRASIL. 

 <https://doi.org/10.22456/1982-8918.142676>

 **Lilian Magalhães*** <lmagalhaes@ufscar.br>

* Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). São Carlos, SP, Brasil.

Resumo: A complexidade das relações de ensino-aprendizagem permeia todos os níveis educativos, impactando tanto indivíduos quanto sociedades. Na educação superior, particularmente na pós-graduação, as interações entre orientadores e orientandos são essenciais, mas frequentemente problemáticas. Estudos mostram que muitos pós-graduandos enfrentam dificuldades com prazos rígidos e problemas de orientação, o que pode afetar sua saúde mental. A importância da autoeficácia e da autonomia dos orientandos é destacada, sugerindo que o apoio dos orientadores deve ser articulado ao desenvolvimento do letramento acadêmico dos estudantes. No entanto, no Brasil, a pressão sobre os docentes para publicar e obter financiamento de pesquisas, muitas vezes resulta na negligência das funções pedagógicas, prejudicando a qualidade da orientação. Para melhorar o suporte oferecido, recomenda-se a implementação de modelos de supervisão em grupo, a promoção de uma cultura de pesquisa colaborativa, assim como processos formais de qualificação dos docentes para a orientação acadêmica. Em resumo, é essencial combinar a crítica ao contexto atual com esforços para criar um ambiente de ensino mais ético, relevante e transformador, garantindo condições adequadas, tanto para os estudantes, quanto para os orientadores.

Palavras-chave: Relações de Ensino-Aprendizagem. Pós-Graduação. Autoeficácia. Letramento acadêmico.

Recebido em: 15 set. 2024
Aprovado em: 21 set. 2024
Publicado em: 28 out. 2024



Este é um artigo publicado sob a licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

1 INTRODUÇÃO

No dia 28 de agosto de 2023, o professor Zijie Yan, 38 anos, chefe do Departamento de Física Aplicada da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill, Estados Unidos, foi assassinado no interior do laboratório que dirigia. O assassino, Tailei Qi, 35 anos, foi imediatamente identificado, pois era seu orientando. O assassino comprou uma pistola nas semanas anteriores e frequentou um curso breve de manejo de armas. No formulário exigido pela loja, ele forneceu o nome do orientador como referência. Durante o julgamento, o acusado foi considerado inimputável por condições relacionadas à sua condição mental. Ele permanece internado numa instituição pública da Carolina do Norte¹.

A complexidade das relações de ensino-aprendizagem pode ser observada em todos os níveis, da infância à vida adulta. Aprender e ensinar são trocas sociais necessárias e transformadoras, para todos os envolvidos. As formas de ensinar e aprender determinam características essenciais das sociedades, seja por seus benefícios, seja pelos traumas e problemas que podem causar ou perpetuar.

A educação superior, notadamente os processos situados na pós-graduação, tem peculiaridades óbvias, pois caracteriza-se por uma relação entre adultos, entretanto não está imune às contradições próprias do processo educativo e formador.

Como se sabe, parte essencial dos processos de ensino aprendizagem na pós-graduação ocorre na esfera da relação entre orientandos (aprendizes) e orientadores (mentores). Embora raros, estudos sobre as percepções de aprendizes em relação à experiência na pós-graduação evidenciam aspectos preocupantes de uma troca que precisa funcionar efetiva e velozmente para ser exitosa.

O protocolo sugere que eu seja muito direta na declaração do meu lugar nesse diálogo. Sou uma mulher heterossexual, cisgênero, negra e a primeira a cursar uma universidade, na minha família. Tenho 69 anos, dos quais pelo menos 47 na condição de terapeuta ocupacional, o que determinou o meu contínuo envolvimento na supervisão de outras pessoas. Vou distinguir a supervisão de estágios, como chamávamos nos anos 80, que é uma atividade de preceptoria, mas que pode ser sumarizada como **ensinar a fazer**. A partir de 1980 iniciei o trabalho de orientação de trabalhos de conclusão de curso. Na última contagem, há uns 10 anos, eu já havia orientado mais de 600 alunos, entre a experiência brasileira e no Canadá. A partir de 2006 eu passei também a orientar teses de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Eu mesma tive orientadores de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Nesse percurso, tive o prazer de trabalhar com indivíduos de várias áreas, o que me enriquece muito, sempre.

1 ONE of the kindest person I've ever met. Carolina Arts & Sciences, Fall 2023. Disponível em: <https://magazine.college.unc.edu/the-scoop/zijie-yan/>. Acesso em: 2 set. 2024.

2 AS SUTILEZAS DOS PROCESSOS DE ORIENTAÇÃO

Tenho o privilégio de não saber quase tudo. E isso explica o resto.

Manoel de Barros²

Na orientação acadêmica, há outras camadas no ensinar a fazer, pois além de tudo, **trata-se de ensinar a pesquisar, ensinar a ensinar, e ensinar a relatar pesquisas, além de ensinar a etiqueta da colaboração acadêmica, numa simplificação extrema dos elementos do processo.** Com essa trajetória, posso dizer que já vivi diversas experiências no contexto da orientação acadêmica, algumas inspiradoras, outras que eu preferia esquecer. Faz parte do jogo.

Voltando à reflexão sobre o tipo de relação que se estabelece no contexto da orientação acadêmica, é forçoso reconhecer que a autoridade está com os orientadores, pela lógica do poder investido, mas a contar pelos inúmeros sites de humor que focalizam as suas bizarrices, como o *PhD Comics*³, que descreve controversos elementos do cotidiano da produção acadêmica, o pêndulo oscila em *desfavor* dos que supostamente detêm o conhecimento.

Vale lembrar que, a despeito das inúmeras menções bem-humoradas na cultura popular e na mídia em geral, no Brasil são poucos os estudos sobre a relação entre orientandos e orientadores, mas certos achados chamam atenção. Publicado em 2020, um estudo realizado na PUC de Porto Alegre, no programa de Psicologia, entrevistou 1619 estudantes de mestrado e doutorado (Pinzón *et al.*, 2020). Os participantes residiam no Brasil e estavam matriculados em Instituições de Ensino Superior (IES), públicas e privadas. Através de um questionário buscou-se identificar a seguinte percepção: “por favor, descreva a(s) sua(s) principal(is) dificuldade(s) com relação à pós-graduação” (p. 191). O estudo utilizou ainda vários instrumentos de avaliação de condições emocionais como a Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse, a Escala de Avaliação do Contexto de Trabalho e a Escala Reduzida de Percepção de Sucesso na Carreira.

Os resultados mostraram algo preocupante. As duas categorias mais citadas entre as dificuldades foram os prazos muito rígidos, e o orientador/a. Sim, o orientador é um dos maiores problemas dos estudantes. Intrigante, não? Cabe ainda mencionar que os participantes exibiram sintomas moderados de depressão e ansiedade, além de sintomas leves de estresse. Recomendo fortemente a leitura integral do artigo, mas os autores enfatizam a articulação entre os diversos fatores, que podem ser resumidos na fala de dois participantes:

Muito foco na publicação e pouco no impacto das pesquisas
muito trabalho, pouco tempo para realizá-lo e pouca assistência do orientador (p. 196)

Ou seja, tanto a relevância do que é produzido, quanto as condições de desenvolvimento do trabalho acadêmico são, no mínimo, deficitárias. Outro projeto interessante foi publicado por Larissa Paris, doutoranda do programa de

2 Barros, Manoel de. **Menino do mato**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2015

3 PhD Comics (<https://phdcomics.com/>)

Linguística Aplicada da Unicamp (2022). O estudo focalizou o papel dos orientadores como mediadores do letramento acadêmico de estudantes da pós-graduação. O letramento acadêmico diz respeito “a um conjunto de habilidades de leitura e de escrita concebidas no âmbito individual e cognitivo” (p. 248). Foram entrevistados quatro indivíduos em fase final do doutoramento. Os achados mostraram percepções distintas dos estudantes, mas convergiram na importância do orientador. Assim, os quatro participantes exibiram táticas criadas para superar dificuldades intrínsecas ao relacionamento problemático com esses mediadores do letramento acadêmico.

Pesquisadora: Geralmente essas revisões que o seu orientador foi fazendo foram orais mesmo?

Miguel: Sim, oral.

Pesquisadora: Contribuições orais. Você apresenta uma coisa e ele “ah Miguel, é melhor você fazer isso”.

Miguel: Sim, porque é aquilo assim: como eu já percebi que ele não é muito de revisar o texto, eu adotei a estratégia de apresentar [oralmente] cada capítulo, né? (p. 255)

Ou ainda:

“Pesquisadora: É mais fácil você conseguir um *feedback* dele [do orientador] oral, numa conversa, marcar um dia e ir lá ou é escrito mesmo?”

Sofia: Oral.

Pesquisadora: Raramente ele te dá *feedback* por escrito?

Sofia: Raramente ele me dá *feedback*, ponto.

Pesquisadora: Ponto. Seja na fala, seja na escrita?

Sofia: É. Ele é muito ocupado.” (grifos nossos, p. 258)

As dificuldades de interação entre orientadores e orientandos permanece central nos estudos realizados, também no exterior. Em estudo publicado por autores sul-africanos, discute-se os modelos eventuais de supervisão na pós-graduação, à luz do aumento exponencial no número de pós-graduandos, fenômeno que também ocorre no Brasil (Mckenna, 2023). No caso deles, o governo criou, na última década, incentivos financeiros para orientadores que recebem um número maior de estudantes, o que resulta na dificuldade de ofertar supervisão de qualidade, pois os docentes aceitam uma carga de trabalho que não conseguem desenvolver satisfatoriamente. A autora recomenda que os modelos anteriores de supervisão, baseados na relação individualizada entre docente e estudante, precisam ser substituídos por uma cultura de grupos de pesquisa, que levaria os estudantes a aprenderem a partir de vários mentores, retirando do orientador a pressão por um acompanhamento direto e criando condições de protagonismo dos estudantes.

A autoeficácia é um conceito pouco abordado, mas presente em alguns estudos. Ele trata de uma questão cara ao processo de trabalho acadêmico: as possibilidades de autogestão na produção intelectual. Um grupo multiprofissional e multicêntrico publicou um estudo sobre a autoeficácia a partir de questionários respondidos por 193 alunos de cursos de mestrado e doutorado em uma instituição

privada de ensino superior, do estado de São Paulo (Modkovski *et al.*, 2022). No projeto, os pesquisadores estavam interessados em explorar os elementos envolvidos no desenvolvimento de autonomia e maturidade dos orientandos para responder aos desafios impostos pelo trabalho acadêmico, como esclarecem:

Tais exigências estão voltadas para maior participação, maior iniciativa e autonomia em relação ao seu processo de aprendizagem, além de aprender e/ou a (re)adaptar os métodos e competências autorregulatórias de estudo e de aprendizagem no sentido de promover o sucesso acadêmico. (p. 247)

Através de *survey* baseada em 35 afirmações para as quais uma escala Likert foi apresentada, os respondentes puderam examinar aspectos como o Compromisso com a carreira, o tipo de Orientação recebida e a Autoeficácia. A relação entre esses constructos mostrou que quanto maior é o compromisso do orientando com a sua própria carreira, maior a percepção de autoeficácia, que entretanto varia de acordo com as várias fases do trabalho desenvolvido. Os autores enfatizam que no início da pós-graduação os orientandos exibem escores melhores de autoeficácia, que se reduzem à medida que o trabalho avança e exige respostas mais complexas.

Ao final, dependendo do êxito das atividades realizadas, a percepção de autoeficácia volta a ser mais expressiva. Em resumo, há uma evidente parcela da apropriação e domínio sobre a produção que precisa ser realizada pelo estudante, de certo modo à revelia do orientador, para que sejam alcançadas as competências típicas da produção intelectual que supõe iniciativa, reflexão e solução de problemas.

3 O OUTRO LADO DO ESPELHO, DOCENTES NO FOGO CRUZADO DO “CAPITALISMO ACADÊMICO” E PRODUTIVISMO

Imagino que agora seja prudente voltar os nossos olhares para a outra parte dessa equação: os professores, que para minha surpresa, são parte silente dessa díade complexa. Não encontrei estudos que exibem as percepções dos docentes sobre o contexto da sua relação com os orientandos, notadamente tendo em vista que parte essencial dos processos contemporâneos de avaliação docente, depende do desempenho dos orientandos. Entretanto, o primoroso trabalho de Maia e Medeiros (2021) trouxe observações interessantes relacionadas às condições de autonomia do trabalho intelectual entre docentes de programas de pós-graduação em Ciências Sociais. No estudo, dividido entre ensino, pesquisa e escrita, 396 questionários foram respondidos por docentes brasileiros, além de 25 entrevistas semiestruturadas com docentes que são referência no campo das ciências sociais. Claro, o projeto obteve um quadro muito detalhado das condições de trabalho, modelos de avaliação do desempenho docente, além das políticas de pós-graduação, mas um achado pode nos ajudar a compreender os dilemas anteriormente relatados: as demandas da orientação não chegam a figurar entre os principais problemas elencados pelos participantes. Parece haver uma pressão tão intensa em relação à produção de artigos e à obtenção de verbas de pesquisa que tanto a sala de aula, quanto a orientação de pós-graduandos fica negligenciada. Vale lembrar ainda que o esforço exigido pelas tarefas “importantes” na avaliação dos programas, também impacta a vida pessoal, a saúde mental e, de certo modo, a perspectiva de futuro que os

participantes têm, em relação às suas carreiras. Esse desencontro entre demandas da atividade acadêmica dos docentes e as expectativas de suporte dos graduandos pode ser resumido na fala da profa. Marta:

Porque eu vejo muito claramente o seguinte: a ideia de formação vem perdendo espaço, a ideia da docência vem perdendo espaço, você não tem onde avaliar isso, você não tem um lugar no Lattes onde o bom professor se destaque, não há uma pontuação para isso, porque não há uma avaliação do bom professor. [...] Então, a docência deixou de ser um lugar que ocupa a sua imaginação profissional, não é isso? Então, se eu tenho hoje 30, 40 anos eu não vou gastar duas horas do meu dia preparando aula para a graduação e mais duas preparando para a pós-graduação, gastando dois dias da semana envolvida com a docência porque eu tenho que produzir ensaios e a produção de ensaios vai fazer com que eu chegue em sala de aula com o que eu tiver ou então levo o meu ensaio para discutir com eles, o que também é tão dramático quanto eu levar o que eu quiser. [...] O sociólogo docente está em franca extinção. (Socióloga, professora sênior em PPG de estrato médio-baixo do Sudeste, notas 4 e 5)

Claro, vale ponderar que o estudo focalizou apenas docentes da área de ciências, e que em outros campos a situação pode divergir. Contudo, também é necessário refletir que o campo desse estudo foi feito em 2015 e 2018, portanto, antes da pandemia, quando todos os constrangimentos relatados se agudizaram, ainda sem uma completa reversão, pelo menos no meu contexto, trabalhando numa universidade federal de grande porte.

A expressão “capitalismo acadêmico”, reproduzida por Maia e Medeiros (2021), faz alusão ao modelo, segundo o qual

o Estado neoliberal diminui os recursos introduzidos de modo direto nas universidades públicas, fazendo com que as instituições busquem fontes alternativas de recursos ao mesmo tempo em que aporta recursos públicos em IES privadas, de modo indireto, por meio do financiamento estudantil” (Costa; Goulart, 2018, p. 402).

Isso implica em docentes subsumidos a uma lógica extrínseca, vale dizer, que adota procedimentos ditados pelo mercado, para a avaliação e, muitas vezes, para o próprio controle da atividade acadêmica. No caso, a ênfase deverá recair na quantidade, quase exclusivamente, como aliás, temos presenciado repetidamente.

De todo modo, é impossível não se reconhecer nos exemplos de injustiças sofridas ou testemunhadas, em dificuldades com decisões “coletivas” autoritárias, na burocratização que toma tempo e energia, sem contar a hiperextensão dos horários de trabalho, que invade noites, fins de semana e feriados. Diante desse cenário, no mínimo preocupante, voltamos ao início dessa comunicação, quando mencionei um caso extremo de relação problemática entre orientando e orientador. Entre nós, é possível encontrar na imprensa inúmeros exemplos de violências de parte a parte, reportadas por coletivos estudantis ou mesmo nas páginas policiais⁴. Ficam muitas perguntas e muitos aspectos a serem elucidados: como foi possível ignorar o risco que este episódio apresentou? Houve sinais? Foram negligenciados? Temos condições

4 JUNTA, Cristiano. Quando a relação professor/estudante se torna abusiva na pós-graduação? Associação Nacional de Pós-Graduandos, [2018]. Disponível em: <https://www.anpg.org.br/2017/04/quando-a-relacao-professor-estudante-se-torna-abusiva-na-pos-graduacao/> Acesso em: 2 set. 2024.

de garantir que algo assim jamais se repita? Vale pensar ferramentas de prevenção e proteção a serem adotadas nos ambientes acadêmicos? Obviamente, os casos específicos deverão ser examinados em seus contextos, mas alguns grupos vêm discutindo formas mais amplas de mitigar as inúmeras dificuldades apontadas.

Um bom exemplo é o trabalho de Mahlangu, (2021), que após identificar um conjunto de fragilidades na oferta de suporte de qualidade a orientandos na pós-graduação sul-africana, sugere a coletivização dos processos, de modo a favorecer uma cultura de grupos de pesquisa, no lugar de relações individualizadas com um docente específico. Sabe-se que existem comitês de teses em alguns países, nos quais orientadores e coorientadores trabalham em colaboração e, em geral, oferecem um pouco mais de suporte aos estudantes. Do mesmo modo, uma perspectiva ampla de acolhimento a estilos de trabalho e valores diversos, pode ser extremamente benéfica (Chaudhary; Berhe, 2020; Magalhães *et al.*, 2021).

O investimento na formação de orientadores tem sido recomendado por pesquisadores. No caso da área de saúde, sugere-se que na maioria dos casos os docentes são autodidatas, desenvolvendo estratégias de orientação sem muito planejamento e sem trocar informações com outros que enfrentam os mesmos processos (Conceição *et al.*, 2020; Motshoane; Mckenna, 2021).

Obviamente, faltou falar dos aspectos positivos, dos prêmios, dos elogios, das trajetórias bem-sucedidas de cada ex-orientando, que nos emocionam e gratificam. Faltou falar dos abraços nas defesas e das dedicatórias nas teses, dos artigos publicados, da sensação de trabalho bem-feito, de “coração tranquilo”, como diz a canção⁵. Contudo, os momentos bons nem sempre superam certos dias difíceis, e, nesses dias, é necessária muita energia para seguir. Nós, no Brasil, temos a sorte de contar com fantásticos educadores, pensadores, artistas da palavra, da comunicação, entre tantos que nos ajudam a compreender e a enfrentar as adversidades do ofício de ensinar, enquanto nos encorajam a seguir priorizando o sonhar.

Não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens. (Freire, 2014, p.126)

REFERÊNCIAS

CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo *et al.* Educando pesquisadores qualitativos em saúde no Brasil: perspectivas discentes e docentes. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30,, n. 4, p. e300412, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300412>

CHAUDHARY, V. Bala; BERHE, Asmeret Asefaw. Ten simple rules for building an antiracist lab. **PLoS Computational Biology**, v. 16, n. 10, p. e1008210, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pcbi.1008210>

COSTA, Camila Furlan da; GOULART, Sueli. Capitalismo acadêmico e reformas neoliberais no ensino superior brasileiro. **Cadernos Ebape.br**, v. 16, n. 3, p. 396-409, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/cadernosebape/article/view/65788>. Acesso em: 2 set. 2024

5 FRANCO, Walter. **Coração tranquilo**. Álbum Respire Fundo, Discos CBS, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

MAGALHÃES, Lilian *et al.* Commentary on The development of occupational science outside the Anglophone sphere: enacting global collaboration. **Journal of Occupational Science**, v. 28, n. 3, p. 425-434, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/14427591.2021.1899746>

MAIA, João Marcelo Ehlert; MEDEIROS, Jimmy. Autonomia e trabalho intelectual na pós-graduação em Ciências Sociais. **Revista Brasileira de Sociologia-RBS**, v. 9, n. 23, p. 228-255, 2021. DOI: <https://doi.org/10.20336/rbs.793>

MAHLANGU, Vimbi Petrus. Exploring challenges of supervising postgraduate students in open distance learning in higher education settings. **Bulgarian Comparative Education Society**, v. 19, 2021. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED614073.pdf>. Acesso em: 2 set. 2024

MCKENNA, Sioux. Models of postgraduate supervision and the need for a research-rich culture. **Briefly Speaking**, n. 25, 2023. Disponível em: <https://www.che.ac.za/news-and-announcements/brieflyspeaking-number-25-models-postgraduate-supervision-and-need-research>. Acesso em: 2 set. 2024

MODKOVSKI, Aline Fátima *et al.* Autoeficácia e relacionamento entre orientadores e orientandos em programas de pós-graduação stricto sensu. **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 14, p. 239-255, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2697>. Acesso em: 2 set. 2024

MOTSHOANE, Puleng; MCKENNA, Sioux. Crossing the border from candidate to supervisor: the need for appropriate development. **Teaching in Higher Education**, v. 26, n. 3, p. 387-403, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/13562517.2021.1900814>

PARIS, Larissa Giacometti. O orientador como mediador de letramento privilegiado no processo de escrita da tese de doutorandos: The supervisor as a privileged literacy broker in the doctoral thesis writing process. **Revista do GEL**, v. 19, n. 1, p. 246-264, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21165/gel.v19i1.3360>

PINZÓN, Juanita Hincapié *et al.* Barreiras à carreira e saúde mental de estudantes de pós-graduação. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 21, n. 2, 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902020000200007. Acesso em: 2 set. 2024

Abstract: The complexity of teaching-learning relationships permeates all educational levels, impacting both individuals and societies. In higher education, particularly at the postgraduate level, interactions between supervisors and students are essential but often problematic. Studies show that many graduate students face difficulties with rigid deadlines and guidance issues, which can affect their mental health. The importance of self-efficacy and autonomy for students is highlighted, suggesting that supervisor support should be aligned with the development of students' academic literacy. However, in Brazil, the pressure on faculty to publish and secure research funding often leads to a neglect of pedagogical functions, impairing the quality of supervision. To improve the support provided, it is recommended to implement group supervision models, promote a culture of collaborative research, and establish formal processes for qualifying supervisors. In summary, it is essential to combine criticism of the current context with efforts to create a more ethical, relevant, and transformative educational environment, ensuring adequate conditions for both students and supervisors.

Keywords: Teaching-Learning Relationships. Postgraduate Education. Self-Efficacy. Academic Literacy.

Resumen: La complejidad de las relaciones de enseñanza-aprendizaje permea todos los niveles educativos, impactando tanto a individuos como a sociedades. En la educación superior, particularmente en el posgrado, las interacciones entre orientadores y alumnos son esenciales, pero a menudo problemáticas. Los estudios muestran que muchos estudiantes de posgrado enfrentan dificultades con plazos rígidos y problemas de orientación, lo que puede afectar su salud mental. Se destaca la importancia de la autoeficacia y la autonomía de los alumnos, sugiriendo que el apoyo de los orientadores debe estar vinculado al desarrollo del letramiento académico de los estudiantes. Sin embargo, en Brasil, la presión sobre los docentes para publicar y obtener financiamiento para investigaciones a menudo resulta en la negligencia de las funciones pedagógicas, perjudicando la calidad de la orientación. Para mejorar el apoyo ofrecido, se recomienda implementar modelos de supervisión en grupo, promover una cultura de investigación colaborativa, así como establecer procesos formales de calificación de los docentes para la orientación académica. En resumen, es esencial combinar la crítica al contexto actual con esfuerzos para crear un entorno educativo más ético, relevante y transformador, garantizando condiciones adecuadas tanto para los estudiantes como para los orientadores.

Palabras clave: Relaciones de Enseñanza-Aprendizaje. Posgrado. Autoeficacia. Letramiento Académico.

LICENÇA DE USO

Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja corretamente citado. Mais informações em: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declararam que não existe nenhum conflito de interesses neste trabalho.

CONTRIBUIÇÕES AUTORAIS

Lilian Magalhães: Escrita do artigo.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado sem o apoio de fontes financiadoras.

COMO REFERENCIAR

MAGALHÃES, Lilian. Você já leu o meu trabalho? Interrogando expectativas e realidades na relação entre discentes e docentes, na pós-graduação brasileira.

Movimento, v. 30, p. e30036, jan./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.142676>

RESPONSABILIDADE EDITORIAL

Alex Branco Fraga*, Elisandro Schultz Wittizorecki*, Mauro Myskiw*, Raquel da Silveira*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre, RS, Brasil.